

A contrastação como método de compreensão: um estudo sobre a racionalidade científica



Juan David Londoño Isaza

*Mestre em Filosofia pela Universidade de Antioquia
Professor, pesquisador e coordenador da graduação em
Jornalismo da Universidade de Antioquia
E-mail: david.londono@udea.edu.co*

Jorge Antonio Mejia Escobar

*Doutor em Filosofia pela Pontifícia
Universidade Gregoriana
Professor titular do Instituto de Filosofia
da Universidade de Antioquia
E-mail: jamejia4@gmail.com*

Resumo: Este artigo se propõe a explicar o que significa para Feyerabend ser racional e como essa qualidade não se corresponde nem com a história da ciência nem com o argumento de Mill de que a ciência é assistida não “pelo método”, mas por diversos caminhos que ao invés de truncar o propósito da ciência aumentam as suas possibilidades de sucesso. Para isso será seguida a sugestão de Feyerabend de que a contrastação (de racionalidade com irracionalidade, neste caso) permite conhecer os elementos mais importantes das teorias.

Palavras-chave: Comunicação, a compreensão como método, contrastação, racionalidade científica, liberdade.

La contrastación como método de comprensión: un estudio sobre la racionalidad científica

Resumen: El propósito de este artículo es explicar lo que, para Feyerabend, significa ser racional y cómo esta cualidad no se corresponde ni con la historia de la ciencia, ni con el argumento de Mill de que la ciencia está asistida no por “el método”, sino por diversos caminos que en vez de truncar el propósito de la ciencia aumentan sus posibilidades de éxito. Para esto se seguirá la sugerencia de Feyerabend según la cual la contrastación (de racionalidad con irracionalidad, aquí) permite conocer los elementos más importantes de las teorías.

Palabras clave: Comunicación, la comprensión como método, contrastación, racionalidad científica, libertad.

Contrastation as a method of comprehension: a study on scientific rationality

Abstract: This paper aims to explain what it means to be rational for Feyerabend, and how such quality does not correspond with the history of science nor with Mill’s argument according to which science is not assisted “by the method”, but through several paths that, instead of truncating its success, make the odds of success higher. Thus, we will follow Feyerabend’s suggestion according to which the contrastation (of rationality and irrationality, in this case) allows for a better knowledge of the most important elements of theories.

Keywords: Communication, comprehension as a method, contrastation, scientific rationality, freedom.

Os propósitos da filosofia da ciência do século XX consistiram em compreender, descrever e normatizar o desenvolvimento do conhecimento científico. À medida que as propostas foram surgindo, o debate sobre elas deu origem a outras propostas, fazendo do estudo da ciência um espaço fértil de interpretação a respeito de sua natureza.

Paul Feyerabend fez o mesmo, sugerindo que, para se compreender a ciência era preciso estudá-la recorrendo à sua história. Igualmente, propôs que toda teoria devia ser comparada com outra teoria, diferente, ou inclusive oposta, com a finalidade de se conhecer os elementos mais importantes que integram as teorias em uso. Uma vez que a principal característica que orienta a ciência é a racionalidade, seria interessante problematizá-la comparando-a com seu oposto, a irracionalidade, para deixar claros seus limites e alcances.

Assim, este artigo pretende oferecer uma alternativa de compreensão do desenvolvimento do conhecimento científico à luz da proposta de Feyerabend, assumindo a contrastação como método de compreensão. Para este propósito será inicialmente explicitado em que consiste a racionalidade, por que ela é tão relevante para a ciência e quais as implicações que derivam disso. Em seguida, a racionalidade será comparada com a evidência que a história da ciência apresenta, para estimar seus efeitos e, assim, compreender melhor a proposta de Feyerabend da contra-indução, bem como sua defesa da liberdade no interior da ciência.

O racionalista se apega ao método que regula sua atividade científica. Isso é uma limitação para seu trabalho e denota ingenuidade em relação aos objetos de estudo

Por que é importante compreender o desenvolvimento do conhecimento científico?

São diversos os propósitos que se encontram na base dos estudos que filósofos e historiadores desenvolveram acerca da ciência, como Otto Neurath (1929), Victor Kraft (1977), Karl Popper (1972), Thomas Kuhn (1962), Imre Lakatos (1978) e Paul Feyerabend (1975), entre outros. Por exemplo, tanto os integrantes do Círculo de Viena (CV) como Karl Popper procuraram normatizar a ciência com base nas suas elucidações, tendo por finalidade determinar o que era científico e o que não era. Outros, como Kuhn, Lakatos e Feyerabend, pretenderam estudar o desenvolvimento do conhecimento procurando explicações diferentes das oferecidas pelo CV e por Popper.

Para esta pesquisa, é importante compreender o desenvolvimento do conhecimento

científico chamando a atenção para aqueles que o praticam os cientistas. Como qualquer atividade humana, o fazer do cientista está exposto a diversas circunstâncias, que limitam ou facilitam seu desenvolvimento. Começemos por aquilo que limita.

● A racionalidade científica

Ser racional, na tradição científica, significa, para os homens de ciência, seguir regras que devem orientar seu trabalho com a finalidade de não só conseguir os resultados esperados, mas também de conservar e fortalecer os valores que sustentam sua dignidade: “Exemplos de valores que nos fazem preferir a ciência a outras tradições são a eficiência, o domínio da natureza, a compreensão da mesma em matéria de ideias abstratas e de princípios compostos por essas ideias” (Feyerabend, 1996, p. 60).

A orientação da atividade científica tem sido protagonizada pelo papel do método, entendido como o conjunto de regras explícitas que todo cientista deve seguir para alcançar os objetivos que estabelece para suas pesquisas. Desde o século XVII, com Descartes, o método científico tem sido considerado universal, uma vez que por meio de um único caminho se pode alcançar a verdade (Descartes, 1994, p. 3), o que significa dizer por meio da razão e de uma série de passos inspirados na ordem e na medida, tal como procedem as matemáticas.

No século XX, o Círculo de Viena procurou privilegiar a experiência e a análise lógica da linguagem para o conhecimento objetivo da realidade material. Popper, por sua vez, apontou que a ciência devia orientar-se pela ideia de conjecturas e refutações, ideia que estabeleceu como diretriz para diferenciar a ciência da pseudociência (Popper, 1994, p. 81).

Para esses filósofos da ciência, a relevância do método obedece ao interesse, em princípio, de unificar a ciência em sua forma de proceder e para que todo conhecimento que derive do seu trabalho possa ser replicado por outros

cientistas. Além dessas razões, o que procuram filósofos e cientistas ao ressaltar a relevância do método é atribuir à ciência a qualidade, justamente, de ser racional, isto é, de que todos e cada um dos passos realizados com o intuito de alcançar a verdade são universais e podem ser demonstrados com clareza e precisão, diferenciando-se dessa forma de outras práticas humanas que não necessariamente põem em comum suas formas de proceder:

Ser racional é estar à altura dos padrões, isto é, seguir uma metodologia (um conjunto de regras tais como “rechaçar as hipóteses que contradizem os fatos”, “evite jogos *ad hoc*”, e assim sucessivamente). Supõe-se que a ciência obtém êxito porque é racional e é racional porque segue o método correto (Munévar, 2006, p. 67).

Posto isto, a razão, ou a experiência está articulada com a análise lógica da linguagem, desestimulando-se qualquer vestígio de metafísica, ou se propõem conjecturas e refutações que, de acordo com epistemólogos, a ciência deve seguir de modo que possa, justamente, ser assumida como racional. Feyerabend, por sua vez, põe à prova esta afirmação, seguindo a lógica dos racionalistas de contrastar a teoria com a evidência (*factum*): ele se propõe comparar a racionalidade científica com a evidência que deriva da história da ciência.

Racionalidade e história da ciência

A história da ciência, de acordo com Feyerabend, ensina que o exercício científico se socorre de diferentes métodos para procurar resolver os desafios que enfrenta. O argumento da torre de Galileu é o acontecimento histórico favorito de Feyerabend para ensinar que, em um mesmo momento histórico, a ciência se vale de diferentes métodos para ocupar-se dos seus objetos de estudo:

Segundo o argumento que convenceu Tycho e que é usado contra o movimento

da Terra pelo mesmo Galileu no próprio *Trattato della sfera*, a observação mostra que “os corpos pesados..., quando caem de uma certa altura, seguem uma linha reta e vertical à superfície da Terra”. Esse registro da observação é visto como um argumento irrefutável em favor de que a Terra não se move. Porque, se a Terra tivesse um movimento de rotação diurno, ao se deixar cair uma pedra do topo de uma torre, esta, sendo carregada pelo giro da Terra, teria viajado centenas de metros para o leste durante o tempo que consumiu para cair e, assim, a pedra deveria atingir o solo em um ponto que estivesse a essa distância da base da torre (Feyerabend, 1986, p. 54-55).

Apresentando este caso histórico como evidência, Feyerabend deseja ensinar que a experiência por si só não basta para explicar a natureza. Galileu, ao sugerir que a terra se move, ofereceu uma alternativa de interpretação com respeito ao fato abordado como objeto de estudo (o movimento da pedra) frente à interpretação empirista (a pedra cai verticalmente). Privilegiando a razão sobre a experiência, Galileu expôs que só percebemos que a pedra cai verticalmente porque, como observadores, compartilhamos o mesmo movimento com a terra. Entretanto, se através da razão chegamos a esta explicação, se poderia sugerir, de fato, que a terra se move.

[...] qualquer pessoa pode ver-se enganada pelas simples aparências ou, digamos, pelas impressões dos próprios sentidos. O exemplo diz respeito à aparência, que sofrem aqueles que caminham à noite pela rua, de serem seguidos pela lua com passos iguais aos seus, ao verem-na deslizar ao fundo dos telhados. Parece-lhes como um gato que realmente corresse pelas telhas deixando-as para trás; uma aparência que, se não interviesse a razão, não faria outra coisa que iludir os sentidos (Feyerabend, 1986, p. 55).

Feyerabend quer destacar, com base em Galileu, que só a experiência não é suficiente para abordar qualquer objeto de estudo,

uma vez que muitos desses objetos obrigam ao cientista a repensar seu método, de tal modo que conceba a possibilidade de recorrer a outro, como fez Galileu, que se aventurou a formular uma explicação diferente, impondo a teoria à experiência:

Supõe-se que a ciência obtém sucesso porque é racional e é racional porque segue o método correto. Em contraposição a isso, Feyerabend rascunha, outra vez, argumentos que vêm de *Against the method*. Ali, ele apontou que em episódios cruciais da história da ciência – em incidentes exemplares de progresso ou sucesso científico (a) as regras mais básicas foram quebradas, e (b) tiveram que ser quebradas para que houvesse progresso (Munévar, 2006, p. 67).

Nesta altura, resulta importante acolher a sugestão de Feyerabend segundo a qual a contrastação, ou a comparação de teorias com fatos contrários ou com outras teorias, constitui algo valioso para se compreender os elementos mais importantes que comportam as teorias que defendemos¹:

Um cientista que deseje maximizar o conteúdo empírico dos pontos de vista que sustenta, e que queira compreendê-los tão claramente como seja possível, tem que introduzir, segundo o dito, outros pontos de vista, isto é, tem que adotar uma *metodologia pluralista*. Deve comparar suas ideias com outras ideias, mais que com a “experiência”, e deve tentar melhorar, em lugar de excluir, os pontos de vista que tenham sucumbido nessa competição (Feyerabend, 1975/2007, p. 14).

¹ A contra-indução não se inspira apenas na evidência que deriva da história da ciência, uma vez que também tem uma influência epistemológica que Feyerabend encontrou em Mill, especificamente na sua obra *Sobre a liberdade*: “Mas em todo assunto sobre o qual a diferença de opiniões é possível, a verdade depende da conservação de um equilíbrio entre dois conjuntos de razões em conflito. Até na filosofia natural há sempre outra explicação possível dos mesmos fatos; uma certa teoria geocêntrica em vez de uma teoria heliocêntrica; uma teoria do flogisto frente à do oxigênio; e é preciso mostrar por que não pode outra teoria ser a verdadeira: e até que isso se mostre, e enquanto não saibamos como é mostrado, não compreendemos os fundamentos da nossa própria opinião (Mill, 2007, p. 101-102).

Sendo assim, é pertinente comparar a racionalidade científica com seu oposto, a irracionalidade, a fim de conhecer os elementos mais importantes da própria racionalidade: para Feyerabend, a história da ciência constitui um elemento relevante, não só para compreender o desenvolvimento da ciência, mas também para argumentar que ela, à luz dos racionalistas, é irracional. Sua lógica de se apegar a um método estrito deverá conduzi-los a um beco sem saída, dado que julgarão que, na ciência, *tudo vale* uma vez que o cientista, como Galileu, teve que quebrar as regras do método comum à comunidade científica para sugerir uma explicação mais completa e adequada frente ao desafio enfrentado.²

Desta forma, para os racionalistas, ser irracional seria desconhecer a relevância da ordem para a ciência, cujo método é legitimado a partir do confronto com o que mostra a história, seria desvalorizar qualquer tentativa de estabelecer um caminho que oriente a prática científica. Nesse sentido, é importante apontar que o contraste entre racionalidade e irracionalidade sugere que o racionalista se apega ao método que de momento regula sua atividade científica. Isso representa uma limitação para seu trabalho e denota ingenuidade em relação aos objetos de estudo que o encantam, na medida em que assume que qualquer deles é susceptível de ser compreendido, de forma exclusiva, pelo método que privilegia.

A fidelidade ao método científico constituirá um obstáculo ao progresso da ciência, por não permitir que se aborde os objetos de estudo com outros métodos, limitando desse

² Elizabeth Lloyd, estudiosa de Paul Feyerabend, explica o seguinte sobre o vale-tudo: “Paul Feyerabend tinha uma reputação, entre muitas, de ser anticientífico, irracional, anti-metodológico, um relativista frente às provas e um anarquista epistemológico. Em termos mais gerais, com frequência é finalmente ligado ao ‘relativismo extremo’, uma comparação comum na filosofia da ciência. Ainda que o lema *Vale-Tudo* haja capturado sem dúvida a imaginação filosófica, como ressaltei antes (Lloyd, 1996), esta sentença é frequentemente mal interpretada como recomendação metodológica de Paul Feyerabend para a realização da pesquisa científica” (Lloyd, 2000, p. 115).

modo o desenvolvimento da criatividade do cientista. Isso representa um sério problema enquanto a ideia de racionalidade não se reorientar, razão pela qual ganha relevância o pluralismo metodológico sugerido por Feyerabend em *Contra o método*. Abordemos, então, aquilo que facilita a ação dos cientistas.

A contra-indução e a defesa da liberdade na ciência

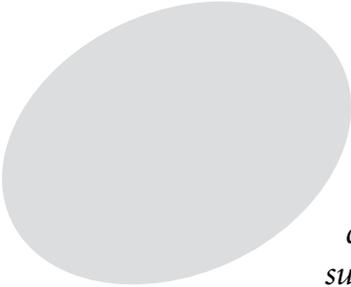
A contra-indução de Feyerabend é um caminho razoável e pertinente para compreendermos as nossas próprias teorias, isto é, para conhecer seus limites e possibilidades. Ajuda-nos a avaliar a margem de ação que têm ou que poderiam ter essas teorias, abrindo-nos a possibilidade de corrigir possíveis debilidades ou melhorar seus pontos fortes:

Não apenas ocorre que a descrição de cada fato singular depende de *alguma* teoria (que, naturalmente, pode diferir da teoria a ser submetida a teste), como também ocorre existirem fatos que são desvelados apenas com o auxílio de alternativas à teoria a ser submetida a teste e que se tornam inacessíveis tão logo essas alternativas se veem excluídas (Feyerabend, 2007, p. 22).

A contra-indução constitui um reconhecimento implícito da natureza humana um tanto falível, dado que nos permite ter acesso à compreensão e ao conhecimento de nossas limitações como homens de ciência – como também permite reconhecer um talento importante para o desenvolvimento da ciência: a criatividade do cientista. Como defendê-la?

Depois de comparar a racionalidade com a irracionalidade, tal como sugere Feyerabend, para compreender e conhecer os elementos mais relevantes que constituem as teorias que acolhemos, é importante apontar que, se a ciência persiste com a racionalidade como qualidade que regula sua atividade, dificilmente poderá se desenvolver adequadamente face aos desafios que enfrenta, pois limitará a criatividade do cientista a supostos

critérios universais que não são outra coisa que projeções ingênuas sobre a natureza humana: “[...] a ideia de um método fixo ou de uma teoria estática de racionalidade fundase em uma concepção demasiado ingênuo do homem e de sua circunstância social” (Feyerabend, 2007, p. 22).



A ciência dificilmente poderá se desenvolver adequadamente face aos desafios que enfrenta, pois limitará a criatividade do cientista a supostos critérios universais

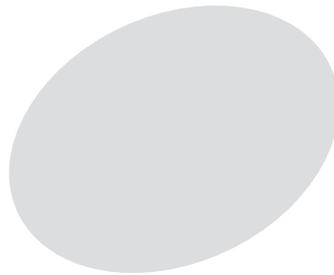
Para Feyerabend, a racionalidade científica e a ideia de uma racionalidade estática constituem um obstáculo para o desenvolvimento do conhecimento humano. Além de a história ensinar que a ciência nunca se deixou guiar pelo mesmo método, porque em momentos decisivos quebrou o método para sugerir uma resposta diferente e em muitos casos bem-sucedida, Feyerabend reconhece, sob o ponto de vista epistemológico, a importância da liberdade que deve ter um cientista na hora de fazer seu trabalho:

A tentativa de fazer crescer a liberdade, de procurar uma vida completa e gratificante, e a tentativa correspondente de descobrir os segredos da natureza do homem implicam, portanto, a rejeição de todos os padrões universais e de todas as tradições rígidas. (Naturalmente, implicam também a rejeição de grande parte da ciência contemporânea) (Feyerabend, 2007, p. 5).

A rejeição de padrões universais se adequa ao cultivo da criatividade humana. Pois, se os homens de ciência podem desenvolver seu trabalho com liberdade, isto é, tendo a possibilidade e a oportunidade de abandonar

o método que num determinado momento utilizam – quando este se mostra insuficiente para dar conta do objeto de estudo que aborda – para acolher outro método, esse fato torna possível o desenvolvimento da criatividade do cientista, como também aumenta as condições de sucesso da ciência. A defesa da liberdade individual do cientista encontra seu fundamento epistemológico na seguinte afirmação de Mill:

O contexto que conduz um cientista a escolher um método permite dimensionar e compreender melhor o trabalho científico como uma atividade humana



A natureza humana não é uma máquina a ser construída de acordo com um modelo, e montada para fazer exatamente o trabalho que lhe é prescrito, mas uma árvore que necessita crescer e se desenvolver para todos os lados, de acordo com as tendências de suas forças interiores, que fazem dela uma coisa viva (Mill, 2007, p. 131).

Assim, tendo o cientista condições de escolher o método que a seu critério é o mais adequado para sua pesquisa e de esgotar todos os recursos que esse método lhe oferece, irá compreender as razões que o motivaram a escolher esse caminho e não outro e, no caso de não obter sucesso, poderá identificar seu erro, e isso lhe permitirá, com conhecimento de causa, ou seja, com critério, selecionar outro método, mais adequado. Deste modo, a liberdade individual que Mill defendeu com tanto ardor e que Feyerabend acolheu para compreender o desenvolvimento do conhecimento científico está em jogo na oportunidade que tem o cientista

de escolher seu método:

O pluralismo das teorias e das concepções metafísicas não é apenas importante para a metodologia; também é parte essencial de uma perspectiva humanista. [...] É possível *conservar* o que mereceria o nome de liberdade de criação artística e *usá-la amplamente* não apenas como trilha de fuga, mas como elemento necessário para descobrir e, talvez, alterar os traços do mundo que nos rodeia. Essa coincidência da parte (o indivíduo) com o todo (o mundo em que vive), do puramente subjetivo e arbitrário com o objetivo e submisso a regras, constitui um dos mais fortes argumentos em favor da metodologia pluralista. Para maior esclarecimento, o leitor é convidado a consultar o magnífico ensaio de Mill, *On liberty* (Feyerabend, 2007, p. 36-37).

Daí que o cientista seja assumido por Feyerabend como um oportunista, ou seja, como alguém que é dono dos seus próprios pensamentos, que tem o poder de escolher o caminho que acha mais conveniente para seu trabalho, e que não terá restrições para abandonar o método que inicialmente escolheu se este resulta insuficiente:

Um cientista não é um trabalhador submisso que obedece piamente a leis básicas vigiadas por sumos sacerdotes estelares (lógicos e/ou filósofos da ciência), mas sim é um *oportunista* que vai suplicando pelos resultados do passado e os mais sagrados princípios do presente a um ou outro objetivo, assumindo que chegue sequer a prestar-lhes atenção (Feyerabend 1996, p. 22).

No entanto, a defesa da liberdade científica que sustentou Feyerabend não pode ser entendida como uma defesa da desordem no interior da ciência, uma vez que Feyerabend sempre foi claro em argumentar que a ciência deve proceder metodicamente. Ele deixa, no entanto, claro que não existiu nem existirá um método único, e sim vários que ajudarão ao cientista a fazer adequadamente seu trabalho. Presta esse esclarecimento no início do seu texto *Contra o método*:

Este ensaio é escrito com a convicção de que o *anarquismo*, embora não constituindo talvez a mais atraente filosofia *política*, é, por certo, excelente remédio para a *epistemologia* e para a *filosofia da ciência* (Feyerabend, 2007, p. 1. Grifos do autor).

O que sugere Feyerabend é assumir o anarquismo, ou seja, a desobediência a qualquer lei ou ditame, como remédio, isto é, quando se apresenta alguma doença na epistemologia e na filosofia da ciência – e qual seria essa doença? Aquela que deriva do método que esgota todos os seus recursos e que começaria a limitar o trabalho científico. Dado que assume tal desobediência como remédio, não se trata de usá-lo o tempo todo, mas unicamente quando o cientista esgota todos os recursos do método que num certo momento orienta seu trabalho:

[...] Não existe nenhum “método científico”; não há nenhum procedimento único, ou conjunto de regras que esteja presente em todas as pesquisas e garanta que é “científico” e, portanto, confiável. Cada projeto, cada teoria, cada procedimento precisa ser avaliado por seus próprios méritos e pelos padrões adaptados aos processos com os quais lida. A ideia de um *método* universal e estável como medida imutável de adequação, e até a ideia de uma *racionalidade* universal e estável, são tão fantasiosas quanto a ideia de um instrumento de medida universal e estável que meça qualquer magnitude, não importam as circunstâncias (Feyerabend, 1978/1998, p. 114).

Nesta ordem de ideias, as escolhas que fazem os cientistas em relação aos seus métodos obedecem a circunstâncias concretas e contextuais que explicam essas escolhas, as quais devem ser consideradas na hora de avaliar as decisões que os cientistas tomam. Levar em conta o contexto que conduz um cientista a escolher um método permite dimensionar e compreender melhor o trabalho científico como uma atividade humana sujeita a contingências. Essas contingências farão repensar as escolhas dos cientistas,

partindo do princípio ético segundo o qual qualquer labor humano é falível. Esta característica, porém, ao invés de constituir um obstáculo para o desenvolvimento da ciência (e de qualquer atividade humana), representa a possibilidade de tomar novas decisões com base na sabedoria que constroem gradualmente os cientistas.

Conclusões

Contrastar a racionalidade científica com a irracionalidade permitiu compreender e dimensionar os limites e alcances da racionalidade no âmbito do desenvolvimento do conhecimento científico, a qual constitui, tal como se argumentou, um obstáculo para o sucesso do fazer científico. Graças ao próprio método de compreensão, que compara uma e outra, abre-se espaço para a elucidação daquilo que torna possível que a ciência se desenvolva: a liberdade individual do cientista.

Quando o cientista pode escolher com liberdade o caminho para fazer seu trabalho, aumentam as possibilidades de sucesso, dado que sua criatividade não estará submetida o tempo todo a um único método. A influência de Mill em Feyerabend foi fundamental, pelo fato de ter-lhe permitido compreender que só através da deliberação, da confrontação e comparação de opiniões, no caso da ciência, de teorias com outras teorias e fatos contrários, consegue-se a compreensão, não só de teorias próprias e alheias, como também os argumentos necessários para acolhê-las ou abandoná-las.

A redefinição da racionalidade científica não deve continuar seguindo a ideia segundo a qual cada cientista abraça cegamente o método que lhe foi prescrito. De fato, a racionalidade científica não deve mais se localizar na atividade insular que desenvolve cada cientista (Munévar, 2006, p. 51), dado que a ciência se caracteriza por ser uma atividade social, de colegas, e como tal deve ser compreendida.

A ciência é uma empresa comunitária que tenta obter conhecimento sobre o mundo. A

ciência tenta oferecer imagens do mundo que nos permitem dar-lhe um sentido, conhecer o que se espera dele e saber como enfrentá-lo. Tal empresa comunitária seria racional se desenvolvesse estratégias apropriadas para melhorar suas possibilidades de desenvolver sua tarefa. A ciência seria racional, então, se estivesse organizada (estruturada) de tal forma que fosse mais fácil alcançar o sucesso (Munévar, 2006, p. 52).

Se o sucesso da ciência se situa na circunstância específica de que o cientista pode escolher o método mais adequado, apelando-se à sua liberdade individual

como defesa da sua criatividade, e se a ciência fosse compreendida como um trabalho entre colegas e se organizasse de acordo com a liberdade que Feyerabend estendeu à ciência inspirando-se em Mill, a racionalidade científica apelaria àquela qualidade que aumenta sua probabilidade de sucesso: a liberdade na ciência que, nos termos de Feyerabend, se constituiria no pluralismo metodológico, isto é, na possibilidade de que a comunidade científica não se agarre a um único método e reconheça, na diversidade de caminhos, a oportunidade de que a ciência possa ter sucesso.

(artigo recebido jun.2016/aprovado set.2016)

Referências

- DESCARTES, R. **Discurso del método**. Madrid: Alianza, 1994.
- FEYERABEND, P. **Adiós a la razón**. Madrid: Tecnos, 1996.
- FEYERABEND, P. **La ciencia en una sociedad libre**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1998.
- FEYERABEND, P. **Tratado contra el método**: esquema de una teoría anarquista del conocimiento. Trad.: Diego Ribes. Madrid: Tecnos, 1986.
- FEYERABEND, P. **Tratado contra el método**. Esquema de una teoría anarquista del conocimiento. Trad.: Diego Ribes. Madrid: Tecnos, 2007.
- HAHN, H.; NEURATH, O.; CARNAP, R. La concepción científica del mundo: el Círculo de Viena. **Redes - Revista de Estudios sobre la Ciencia y la Tecnología**, v. 9, n. 18, p. 103-149, jun. 2002.
- KRAFT, V. **El Círculo de Viena**. Trad.: Francisco Gracia. Madrid: Taurus, 1977.
- KUHN, T. S. **La estructura de las revoluciones científicas**. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- LAKATOS, I. **Escritos filosóficos** v. 1. La metodología de los programas de investigación científica. Madrid: Alianza, 2007.
- LLOYD, E. Feyerabend, Mill and pluralism. In: **The worst enemy of science?** Essays in memory of Paul Feyerabend. New York: Oxford University Press, 2000, p. 115-124. MILL, J. S. **Sobre la libertad**. Madrid: Alianza, 2007.
- MUNÉVAR, G.; GUERRERO P. G. **Variaciones sobre temas de Feyerabend**. Cali, Colombia: Programa Editorial, Universidad del Valle, 2006.
- POPPER, K. **Conjeturas y refutaciones**: el desarrollo del conocimiento científico. Barcelona: Paidós, 1994.